

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Especialização em História da Cultura e da Arte

**ESTUDO DOS SÍMBOLOS LITÚRGICOS DA IGREJA
UNIVERSAL DO REINO DE DEUS:
indícios de uma prática híbrida.**

Matteo Ricciardi

Belo Horizonte
2010

Matteo Ricciardi

**ESTUDO DOS SÍMBOLOS LITÚRGICOS DA IGREJA
UNIVERSAL DO REINO DE DEUS:
indícios de uma prática híbrida.**

Artigo apresentado ao Curso de Pós-Graduação em História da Cultura e da Arte da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

Orientador: Eduardo França Paiva

Belo Horizonte
2010

RESUMO

O presente artigo pretende analisar os símbolos litúrgicos da Igreja Universal do Reino de Deus como indício de uma prática híbrida. Com símbolos litúrgicos entendem-se todos os elementos que entram a fazer parte do culto, imagens, nomes de deuses, práticas e objetos utilizados durante as reuniões. Para isso, serão abordadas questões inerentes aos símbolos e sua função religiosa, para sucessivamente mostrar como estes passam por um processo de apropriação e ressignificação para entrar na dinâmica cültica da igreja. Tentar-se-á elucidar o processo pelo qual a igreja lança mão de um acervo do imaginário dos seus fieis que encontra sua origem em outras tradições religiosas, em específico na afro-brasileira e na católica. Finalmente se apresentará como os elementos antes estudados encontram no culto seu pólo catalisador.

Palavras-chave: IURD, símbolos litúrgicos, apropriação, imaginário.

ABSTRACT

This article aims to analyze the liturgical symbols of the Universal Church of the Kingdom of God as a evidence of a hybrid practice. With liturgical symbols refers to all the elements that take part in worship, like images, names of gods, practices and objects used during the meetings. To do it, it will be explored issues relating to religious symbols and their function, to show how these are submitted to a process of appropriation and reinterpretation to enter in the cult of the church. It will try to elucidate the process by which the church use a collection of imaginary of its members that find its origin in other religious traditions, specifically in the African-Brazilian and Catholic. Finally the worship will be presented as the pole that catalyses the elements explained before.

Keywords: IURD, liturgical symbols, appropriation, imaginary.

INTRODUÇÃO

O tema tratado no seguinte artigo baseia-se na percepção de uma peculiaridade no universo religioso brasileiro: a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Além de destacar por um crescimento vertiginoso desde a sua fundação, diferencia-se das demais denominações protestante por sua doutrina e prática. Representa um caso *sui generis* no panorama brasileiro, sendo definida por muitos autores como a maior representante do néo-pentecostalismo.

Em específico, a atenção deste trabalho está voltada aos rituais dessa igreja, caracterizados por uma forte carga simbólica. Os principais objetos e terminologias litúrgicas utilizadas não encontram correspondente nas outras tradições de culto protestantes. Ao oposto disso, percebe-se certa correspondência entre as práticas religiosas que esta denominação pretende “combater”, entre as quais as tradições afro-brasileiras e a igreja católica, e os símbolos utilizados que, pelo contrário remontam justamente a estes grupos.

Este tipo de estudo rege-se segundo um arcabouço teórico que vê por um lado os avanços conseguidos no século XX pela História cultural, como ressalta Chartier ao destacar a

emergência de novos objectos no seio das questões históricas: as atitudes perante a vida e a morte, as crenças e os comportamentos religiosos, os sistemas de parentesco e as relações familiares, os rituais, as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar.¹

Por outro lado, se aproveita das possibilidades oferecidas pelos avanços do século XIX que permitiram superar os limites da história eclesiástica cristocêntrica até então praticada, abrindo espaço para a história das religiões; Da Mata salienta que essa área de estudos se destaca por “três aspectos fundamentais: ela é autônoma como disciplina, multicultural na percepção do seu objeto e agnóstica em sua forma de abordá-lo”².

Apoiando-se nisso, a abordagem às práticas da IURD foi coadjuvada por estudos de outras áreas afins que já analisaram o fenômeno, não existindo material específico no campo da historiografia brasileira. Em particular, o estudo dos rituais, do repertório imagético e simbólico parte do entendimento da História cultural “como

¹ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990. p.14.

² MATA, Sérgio Da. *História e Religião*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 20.

análise do trabalho de representação, estudo dos processos com os quais se constrói sentido e reconhecimento das práticas de apropriação cultural”³, adotando esta terminologia frente as demais de outras linhas de pesquisa.

O termo “híbrido”, adotado para caracterizar a prática da IURD, foi escolhido levando em consideração seu possível uso dentro da História cultural em vista de outras terminologias; Canclini afirma que

Mestiçagem, sincretismo, criouliização – continuam a ser utilizados em boa parte da bibliografia antropológica e etno-histórica para especificar formas particulares de hibridação mais ou menos clássicas. [...] A palavra hibridação aparece mais dúctil para nomear não só as combinações de elementos étnicos ou religiosos, mas também a de produtos das tecnologias avançadas e processos sociais modernos ou pós-modernos⁴.

Postas essas premissas, o artigo apresentará uma breve discussão sobre o conceito de símbolo religioso para sucessivamente explorar o processo das apropriações litúrgico-simbólicas das práticas da IURD num estudo comparativo com outras tradições religiosas presentes em território brasileiro. Lembrando Meslin,

A análise dos diversos processos desencadeados pelo encontro de religiões diferentes revela toda a importância dos processos de aculturação religiosa. Trata-se, com efeito, do problema capital de adaptação cultural de uma fé religiosa vinda de alguma parte, por meio de ações rituais e de expressão simbólicas que definem um sagrado vivido. Ora, como pensar que essas ações, esses ritos e esses símbolos podem ser sentidos como válidos e operatórios fora de seu campo cultural de origem?⁵

1.1 Os símbolos e sua função religiosa.

Os parágrafos seguintes abordam algumas questões basilares sobre o conceito de símbolo, servindo como alicerce para sucessivamente esclarecer o processo de apropriação operado pela IURD.

A religião pode ser indagada como um sistema cultural permeado de símbolos; noções ontológicas, cosmovisões, dogmas e práticas são construídas, entendidas e vivenciada através de símbolos. Esses desempenham um papel de elo na integração de um indivíduo numa prática específica; ressalta Alves que

a função religiosa é uma integração entre biografia e história, indivíduo e cosmos. A cosmovisão religiosa não é religiosa por se proclamar como tal,

³ CHARTIER, Roger. Op. cit. p.27-28.

⁴ CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2006. p. XXIX.

⁵ MESLIN, Michel. *A experiência humana do divino*. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 198.

mas em decorrência do seu poder efetivo de produzir uma integração emocionalmente satisfatória entre o indivíduo e a totalidade⁶.

A partir disso, a relevância das construções simbólicas na liturgia torna-se uma rica fonte de pesquisa e possibilita a análise de uma determinada prática religiosa frente as demais. A importância dos símbolos para um grupo específico é indício de valores que extrapolam os limites físicos dos lugares de culto para juntar-se ao meio cultural no qual os participantes vivem.

Por isso, a fim de tornar o estudo mais adequado, é necessário ressaltar que ao lado da idéia de religião, de certa maneira ligado à noção de uma instituição definida, é preciso associar a de religiosidade. Bellotti destaca que

se pensarmos em religião como um sistema de *crenças e práticas*, constatamos que religião não é somente Teologia, pois é necessário compreender as relações de poder que definem o que é correto e o que é errado dentro de uma tradição institucionalizada. Do mesmo modo é importante ter em mente que, além desses lugares de poder, há práticas religiosas não-institucionalizadas, tanto comunitárias quanto individuais – estas, mais conhecidas como *religiosidades*. [...] O que devemos fazer é entender como diferentes crenças e práticas fazem sentido para as pessoas e os grupos que as adotam, em contextos históricos específicos. Assim, a religião, por essa definição, é concebida dentro da História Cultural como algo construído historicamente.⁷

Isso é de suma importância para poder analisar a prática litúrgica da IURD e determinar as conexões presentes com outras tradições religiosas enxergando o processo de apropriação e as conseqüentes ressignificações. É notório, pois, que nesse processo são assumidos alguns conteúdos ao passo que outros sofrem alterações e adaptações para o contexto no qual virão a ser utilizados. Vale a pena destacar a importância dos símbolos do ponto de vista cultural, e sua inserção na vivência das comunidades.

Os símbolos possuem sua própria vida, que se liga às diversas culturas. Os símbolos são assimilados vivencialmente, crescem em importância e repercussão na sociedade e nos indivíduos, se desatualizam e morrem quando mudam as formas de comunicação e as imagens da cultura [...] Não apenas os símbolos vivem em função da realidade que comunicam; a própria realidade se aviva e mantém através dos símbolos pelos quais se expressa⁸.

⁶ ALVES, Rubem. A empresa da cura divina. In: VALLE, E.; QUEIROZ, J. (orgs.). *A cultura do povo*. São Paulo: Cortez e Moraes, EDUC, 1979. p. 113.

⁷ BELLOTTI, Karina Kosicki. Mídia, Religião e História Cultural. In: *Revista de Estudos da Religião*. n.4. São Paulo, 2004. p. 100.

⁸ Símbolo. In: IDÍGORAS, J.L. (Org.). *Vocabulário teológico para a América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 469.

De fato, a especificidade da IURD em relação as demais denominações protestantes brasileiras se dá justamente no processo de apropriação que a torna um caso único do seu tipo. A pesar de apresentar traços evidentes que a colocam em linha com o desenvolvimento do pentecostalismo sul americano, a IURD se destaca por integrar nas suas práticas elementos que originalmente pertencem à umbanda, candomblé e espiritismo, como nome de deuses e outros seres espirituais (como Exu, Pombajira, Cigana, Caboclo, erê), terminologias litúrgicas (descarrego, oração forte) e objetos (flores, água benta, sal grosso) como será indagado a seguir.

1.2 O processo de apropriação da IURD

Neste trecho do trabalho pretende-se pontuar o processo de apropriação operado pela IURD. Os trabalhos consultados a respeito utilizam terminologias diversas, partindo de pressupostos teóricos e metodológicos distintos da História cultural, mas serão aqui reproduzidos para evidenciar as possibilidades de análise e sua relevância em referência ao objeto de estudo.

É necessário sublinhar que, ao adotar símbolos e práticas de outras tradições religiosas brasileiras, a IURD não opera num vazio cultural; surgida no final da década de 1970 insere-se no processo de avanço do pentecostalismo no Brasil, destacando-se deste por colocar-se em confronto aberto com as tradições religiosas afro-brasileiras e assumindo nas próprias práticas elementos destas. A representação de elementos simbólicos e religiosos se dá num local cultural específico que favorece o contato entre tradições diversas e possibilita a troca. Albuquerque afirma que o mundo representado por determinados grupos

é figurado, codificado, contornado e dominado, mas dotado de sentido pelas crenças e pelos sistemas profanos ou religiosos, e até mesmo pelos mitos, e mundo esse legado pelas transmissões devidas à educação e à instrução⁹.

Ao adotar simbologias de grupos diversos, a IURD lança mão de um amplo acervo do imaginário dos seus fieis, construído ao longo das experiências de vida e do contato com outras manifestações religiosas. A apropriação simbólica torna-se um recurso pelo qual o participante das reuniões da IURD encontra clara referência a parte da vivência experimentada fora do templo, em terreiros e centros, facilitando

⁹ ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Da história religiosa à história cultural do sagrado. In: *Ciências da religião: história e sociedade*. v.5, n.5. São Paulo: 2007. p. 44.

a aproximação ao novo culto. Os nomes das entidades, os objetos por vezes utilizados para atrair o favor divino e a cura, demarcam uma linha de continuidade com outros ritos. Alguns autores apontam a possibilidade de avaliar o avanço de uma denominação, inclusive a IURD, referindo-se à sua proximidade com uma matriz religiosa composta por elementos do catolicismo, das religiões africanas e indígenas. Bittencourt filho salienta que

o sucesso de uma proposta no campo religioso brasileiro é diretamente proporcional à sua proximidade com a matriz, desde que esta proximidade venha envolvida numa linguagem e numa prática condizentes tanto com as demandas espirituais das maiorias como os determinantes sociológicos que as acompanham¹⁰.

Posto isso, fica evidente que, quanto mais a IURD tenta se opor às práticas afro-brasileiras e do catolicismo popular, tanto mais se aproxima delas. A apropriação de elementos tanto das crenças quanto dos ritos e visão de mundo da Umbanda, Candomblé e do Catolicismo popular por um lado a aproxima dessas práticas e por outro é fator determinante de sua identidade. Ao introduzir nos cultos terminologias próprias das tradições que pretende “combater” a IURD confirma a existência de entidades do panteão “inimigo” e afirma a superioridade de seus pastores frente a estas. Isso comporta que, ao invés de simplesmente desconsiderar a vivência pregressa de seus membros, a IURD a valida como verdadeira, a pesar de transforma-la num fator negativo. As experiências desenvolvidas em terreiros e centros são reconsideradas a partir da perspectiva da IURD como lugar propício para que entes malignos entrem na vida da pessoa; no dizer de Edir Macedo, “a Umbanda, Quimbanda, Candomblé e o espiritismo de um modo geral, são os principais canais de atuação dos demônios, principalmente em nossa pátria”¹¹. Nesse sentido, para Bonfatti a IURD exerce um

efeito esponja, que absorve as inúmeras vertentes da religiosidade brasileira que granjearam popularidade no país, coadunando aspectos pré-modernos e modernos que compõem o ethos identitário brasileiro [...] consegue compor um corpo simbólico que cada vez mais dá sentido e responde, de maneira própria mas correlata às religiões de sucesso no Brasil, aos anseios e desejos de uma parte crescente da população¹².

¹⁰ BITTENCOURT FILHO, José. Matriz religiosa brasileira: notas ecumênicas. In: *Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, CEDI, 1992, p. 51.

¹¹ MACEDO, Edir. *Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?* Rio de Janeiro: Universal Produções, 1987. p. 113.

¹² BONFATTI, Paulo. *A expressão popular do sagrado: uma análise psico-antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 60

Finalmente, é nos cultos que o aspecto híbrido da IURD revela-se em toda sua clareza, apresentando recursos simbólicos próprios, lembrando que Canclini define “hibridação” como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existem de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”¹³.

Os parágrafos seguintes apresentarão a organização litúrgica da IURD, suas principais reuniões e a utilização dos símbolos como fulcro da dinâmica cültica.

2. A LITURGIA DA IURD

A IURD possui uma programação semanal intensa. Para cada dia da semana é proposto um culto que atende a demandas específicas: na segunda-feira, Reunião da Prosperidade; na terça-feira, Sessão do descarrego; na quarta-feira, Busca do Espírito Santo da Deus; na quinta-feira, Reunião da Família; na sexta-feira, Reunião de Libertação; no sábado, Reunião da Prosperidade e, à noite, Terapia do amor; no domingo, Busca do Espírito Santo de Deus e, à tarde, Sessão Especial de Descarrego. De modo geral, o alvo principal das reuniões é proporcionar aos participantes cura e libertação, em ambos os casos através a identificação de um problema de ordem espiritual, eventualmente uma possessão, que tenha causado os sofrimentos acusados. As diferentes reuniões, ainda que tenham objetivos específicos, seguem uma estrutura muito parecida: a celebração começa cantos e orações, para proporcionar um momento de afloração das emoções dos membros; segue a pregação, durante a qual se comenta algum trecho bíblico e se aproveita o espaço para divulgar a doutrina da igreja; prosseguindo, chega-se ao cume das reuniões com as “orações fortes”, que visam provocar a manifestação dos demônios; sucessivamente aqueles que acusam algum mal estar ou apresentaram sinais de possessão passam por um processo de libertação (exposto mais adiante); seguem eventualmente os testemunhos de libertação; depois, o momento dos dízimos e

¹³ CANCLINI, Nestor Garcia. Op. cit. p. XIX.

ofertas, que além do lado prático de recolher dinheiro adquire forte carga simbólica, tornando-se parte importante da liturgia da IURD; termina-se com orações e cantos.

É interessante notar que o termo “oração forte” encontra seu correspondente na tradição católica popular:

é uma fórmula especial, dirigida a Deus ou a um santo. Ela pode ser um exorcismo (para afastar demônios) ou uma fórmula de adoração em que se pede o que se deseja. Geralmente, depois de realizado o ritual da oração, o texto é colocado dentro da carteira, levado no bolso ou posto dentro de um saquinho de pano (um breve), que é preso no interior da roupa ou pendurado no pescoço.¹⁴

Entre as várias atividades, os dois cultos principais nos quais a IURD elabora suas práticas híbridas são as reuniões de cura e as de libertação, mais conhecidas pelos fiéis como sessões de descarrego. Nestas reuniões é possível detectar princípios e recursos simbólicos de diferentes grupos apropriados numa só prática.

Bonfatti¹⁵ identifica quatro princípios que podem ser considerados pilares da IURD como auxílio para a compreensão de suas práticas. Seriam estes o dinheiro, a guerra santa, a realidade do mal e as doenças divinas.

O dinheiro representa um elemento muito forte dentro da liturgia iurdiana. Além de ser recolhido para as despesas ordinárias de manutenção da igreja e dos obreiros, existem duas formas com as quais o fiel pode estabelecer um contato forte com Deus: o “dever sagrado do dízimo” e as ofertas. Na lógica da IURD, se ao passo que pagamento do dízimo é sinal de gratidão a Deus pelas suas bênçãos, as ofertas são um “desafio”, um contrato através do qual Deus torna-se credor do fiel assumindo a obrigação de retribuir a oferta recebida com bênçãos ainda maiores. Além disso, periodicamente são organizadas “correntes” para objetivos específicos que promovem distribuição de bens simbólicos para obtenção de benefícios. Barros evidencia certa ligação entre a circulação do dinheiro na IURD e as promessas do catolicismo popular, como importante veículo de comunicação com o transcendente:

A manipulação do dinheiro nos rituais revelaria, em parte, a necessidade dos fiéis, em estabelecer, intensificar e/ou manter relações (de

¹⁴ GASPAR, Eneida Duarte (Org.). *Guia de religiões populares do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002. p. 132.

¹⁵ BONFATTI, Paulo. Op.cit. p. 63-112.

reciprocidade) com o sagrado; e assim, resgatar laços anteriormente estabelecidos - possivelmente através de promessas.¹⁶

No catolicismo popular que é possível encontrar uma prática parecida; um pedido importante a um santo é acompanhado por uma determinada promessa: quando o pedido é realizado o fiel retribui entregando na igreja um “ex-voto” ou dando uma esmola em sinal de gratidão, ou fazendo algum tipo de sacrifício pessoal. Fator muito relevante é que “o aspecto mais importante da promessa é o compromisso que a pessoa assume com o santo e com aquilo que deseja”¹⁷; nesse sentido o dizimo e mais ainda as ofertas se inserem numa linha de raciocínio muito parecida a da promessa, por realizar uma doação vinculada a um eventual retorno por parte da divindade.

O segundo pilar é a guerra santa. A IURD se propõe como a principal frente de ataque contra toda atividade satânica. Nesta luta, o alvo principal são os cultos afro-brasileiros e a igreja católica. No entanto, o processo pelo qual a igreja combate os seus adversários se dá através da legitimação das outras tradições religiosas e pela apropriação de elementos nos seus ritos.

Neste aspecto a IURD se diferencia das outras tradições pentecostais, pois, ainda que estas também trabalhem um conceito de guerra espiritual, a IURD evidencia este fator ao ponto de tornar a manifestação dos espíritos tidos como malignos parte integrante de seus cultos. Neste ponto cabe ressaltar que os demônios com os quais a IURD povoa seu panteão do mal pertencem na origem às religiões que ela combate. Afirma Macedo que

com nomes bonitos e cheios de aparatos, os demônios vêm enganando as pessoas com doutrinas diabólica. Chamam-se de orixás, caboclos, pretos-velhos, guias, espíritos de luz, etc. Dizem-se ser exus, erês, espíritos de crianças, médicos famosos, poetas famosos, etc., mas na verdade são anjos decaídos¹⁸.

Acima desses seres, o principal responsável de todos os males, enfermidades e doenças é o diabo. A existência dele é tão proeminente que a igreja promove cultos específicos de libertação, de descarrego, nos quais as entidades tidas como demoníacas são confrontadas “em nome de Jesus” e se exige que saiam da pessoa possuída. Com a exceção óbvia do Espírito Santo de Deus, todos os outros seres

¹⁶ BARROS, Mônica do Nascimento. A batalha do Armagedom: Uma análise do repertório mágico-religioso proposto pela Igreja Universal do Reino de Deus. Dissertação de Mestrado em Sociologia. UFMG, 1995. p. 177.

¹⁷ GASPAR, Eneida Duarte. Op. cit. p. 138.

¹⁸ MACEDO, Edir. Op. cit. p. 32.

espirituais das outras religiões são considerados maléficos para a vida das pessoas, independente se esses seres tinham conotação positiva no meio cultural de origem. Além disso, há associação direta entre os encostos (considerados como o conjunto das entidades afro-brasileiras) e os demônios; a IURD seria a única capaz de tirar um encosto da vida das pessoas, pois entende que nas práticas do terreiro ao se tirar um encosto, na realidade outro se aloja na mesma pessoa.

As duas reuniões onde mais se evidencia esta dependência que a IURD mantém com o panteão afro-brasileiro são a sessão de descarrego e a reunião de libertação. A primeira remete claramente ao ritual presente nas religiões afro, até pelo nome, e além disso nestas reuniões “tanto os pastores quanto os ditos “ex-pais-de-encosto” de vestem de branco como nos rituais da umbanda. Algumas vezes os próprios fiéis são solicitados a comparecer vestidos de branco”¹⁹. Os ex-pais e mães-de-encosto tornam-se “consulentes” dentro do ritual da IURD por ter conhecimento adquirido sobre a atuação dos demônios e podem identificá-los a partir dos males provocados na pessoa. É preciso sublinhar que na IURD

todas as doenças têm uma causa espiritual e aqui se incluem as que poderíamos chamar de doenças psíquicas ou mentais, bem como as orgânicas ou físicas. Nessa visão, todas as doenças forma e são causadas pelo Demônio por via direta ou indireta, sem uma intencionalidade ou consciência disso por parte da pessoa portadora da doença²⁰.

Por outro lado, o frequentador da IURD evidentemente se aproxima à igreja à procura de uma solução transcendente de um mal pessoal, seja ele financeiro ou, ainda mais importante, de ordem física. Alves lembra que

fenômenos culturais, entretanto, não crescem no vazio. Eles são tentativas de interpretar e resolver problemas concretamente vividos. Por detrás da opção popular pela “cura divina” se encontra o desespero quanto à cura humana: a inacessibilidade dos agentes de saúde, o alto custo dos serviços médicos e dos medicamentos, as barreiras burocráticas que se interpõem entre o doente e a cura²¹.

A libertação proposta pela igreja apresenta-se em muitos casos como a única alternativa a uma situação limite na qual os agentes “naturais” não oferecem mais respostas válidas e suficientes ao ponto das pessoas recorrerem aos recursos oferecidos pela opção de fé.

¹⁹ ORO, Ari Pedro. O neopentecostalismo “macumbeiro”. In: ISAIA, Artur César (org.). *Orixás e espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea*. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 121.

²⁰ BONFATTI, Paulo. Op. cit. p. 109.

²¹ ALVES, Rubem. Op. cit. p. 116.

No processo de cura e/ou libertação, a IURD preconiza duas maneiras de libertar as pessoas dos encostos, de certa maneira dois métodos de exorcismo, um sem incorporação e outro com incorporação, como esquematizados por Bonfatti²².

No exorcismo sem incorporação a igreja lança mão de um arsenal simbólico enorme, conferindo poder especial a objetos de uso comum, como sal grosso, arruda, flores, perfumes, sabonete, xampu, óleos, sapatos, distribuição de “balas unguadas” em ocasião do dia de Cosme e Damião; consagrados pelo pastor adquirem poder para afastar os entes demoníacos e abençoar a vida da pessoa atormentada. Novamente é necessário destacar certa dependência entre os objetos utilizados e outras tradições religiosas brasileiras. O sal grosso, por exemplo, é utilizado nos rituais de limpeza nos cultos afro, atribuindo-lhe o poder de “cortar” os efeitos de alguns malefícios. A água benta ou o óleo santo protegeriam os fiéis, impedindo a ação dos demônios, e também encontram sua referência em práticas do catolicismo.

E justamente como na Igreja Católica, esses símbolos seriam uma ajuda para a fé dos participantes. A consagração de objetos é um recurso muito utilizado, pois, por um lado, permite ao fiel de visualizar e de ter contato com um símbolo que de certa maneira pode fortalecer a sua fé, pode ser um ponto de contato com a divindade e aproxima-lo da cura ou da resolução de um problema pessoal; por outro, destaca e especializa a prática dos pastores como únicos capazes de atribuir tal poder a um objeto até então comum. Vieira Filho relata que os membros não demonstram problema quanto a utilização desses elementos e destaca algumas razões captadas no campo:

- tratar-se-ia de representações gráficas do poder de Deus. Afinal, tudo aquilo que é apresentado a Ele passa a ter seu poder
- são pontos de contato para a manifestação da fé das pessoas. Um elemento que atua como elo entre a pessoa e Deus
- tudo aquilo que é consagrado, em nome de Jesus, passa a ter poder. Isso significa, por outro lado, que tais elementos não possuem poderes mágico-religiosos por si sós. O poder está no nome santo e não na arruda, no azeite, no sal grosso, etc²³.

Além desses objetos, é comum a utilização de um copo com água depois das “orações fortes”, à semelhança da “água fluidificada” utilizada dentro das religiões mediúnicas em rituais parecidos, para purificação.

²² BONFATTI, Paulo. Op. cit. p. 99.

²³ VIEIRA FILHO, Antonio, Gracias. Domingo na igreja, sexta-feira no terreiro: as disputas simbólicas entre a Igreja Universal do Reino de Deus e a Umbanda. Dissertação de Mestrado em Antropologia. USP, 2006. p. 124.

Já nos exorcismo com incorporação o processo é diferente. Numa prática muito peculiar, durante a Sessão Especial de Descarrego, que acontece domingo à tarde, os fiéis são convidados a atravessar o “vale do sal”, composto de areia branca e alguns montes de sal grosso; a idéia é muito parecida com seu correspondente afro: os encostos se manifestam ao passar pelo sal, pois este elemento possuiria a capacidade de “queima-los”. Aqueles que demonstram ser possuídos passam por uma entrevista na qual o pastor dirige três perguntas para operar o exorcismo: pergunta o nome do demônio que possui a pessoa, o que tem feito na vida dela e como entrou. No momento da nomeação aparecem frequentemente os nomes das entidades das religiões afro-brasileira, como Exu Caveira, Exu capa-Preta, Exu Tranca-rua, Maria Padilha, Maria Mulambo, Exu da morte, Exu do lodo, Pombajira, Cigana, Caboclo, erê, etc. Os males causados variam de acordo com o espírito possuidor entre problemas financeiros, sexuais, familiares, de saúde ou vícios.

Macedo²⁴ explica que a possibilidade de ter recebido tais espíritos malignos pode se dar de várias formas: por hereditariedade, pela participação direta ou indireta em centros espíritas, por trabalhos ou despachos, por maldade dos próprios demônios, por envolvimento com pessoas que praticam espiritismo, por comidas sacrificadas a ídolos. Na visão da IURD, qualquer um que tenha tido algum tipo de contato com o diabo carrega consigo a marca desta experiência, isto é, é possuído por algum espírito maligno e necessita de libertação. Além disso, ao reconhecer o feitiço e proporcionar sua neutralização a libertação torna-se um contra-feitiço. Almeida observa que

à medida que a Igreja Universal acabou estabelecendo - pelo diabo e pela adoção de alguns dos mecanismos de funcionamento da fé inimiga - uma continuidade entre o ritual de incorporação das entidades e o ritual de exorcismo. Inversão e continuidade que se caracterizam por aceitar o que ocorreu no terreiro como verdadeiro, desmascarar aquela prática religiosa, atribuir o sentido correto e, por fim, eliminar a possessão²⁵.

Ao passo que nas religiões afro a possessão é considerada o ápice da experiência com o sagrado, na IURD é vista como profana, mas especificamente diabólica. A prática da qual a igreja se apropria se reveste de novos sentidos, inversos aos de origem ainda que caracterizada por marcas muito parecidas; a

²⁴ MACEDO, Edir. Op. cit. p. 36-43.

²⁵ ALMEIDA, Ronaldo de. A guerra das possessões. In: ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (Orgs.). *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 335-336.

própria presença de ex-mães e pais-de-santo na função de consultores é muito relevantes neste processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As evidências acima expostas corroboram a tese inicial de que os símbolos litúrgicos da IURD evidenciam seu caráter híbrido.

Não somente objetos, mas também as práticas e o imaginário dos membros são forjados a partir da apropriação operada em conexão com as outras tradições religiosas presentes em território brasileiro.

O repertório imagético e simbólico utilizado adquire sentido para os membros na medida em que encontram continuidade com outras experiências religiosas; ao mesmo tempo que se distanciam das práticas anteriormente vivenciadas por meio da conversão à IURD, e da adoção dos valores cristãos por esta proposta, experimentam um meio litúrgico no qual reencontram valores das antigas práticas ressignificados.

A apropriação simbólica operada pela IURD talvez possa ser considerada como um dos principais fatores de seu crescimento vertiginoso, por dar continuidade as experiências de fé pregressas dos seus membros. Ao passo que outras tradições protestantes não levam em consideração as religiosidades brasileiras ou simplesmente não se preocupam com a existência de um “panteão do mal”, a IURD consegue tornar isso seu principal alvo de ação.

Finalmente, o culto é apresenta-se como um espaço privilegiado para encontrar e eventualmente analisar as diferentes dimensões doutrinárias e práticas de uma igreja e, além disso, perceber as similaridades e conexões tanto com outras tradições religiosas quanto com o entorno cultural no qual acontece.